

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e
Sociedade (CPDA)



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas
com a agricultura
Período de Análise: 01 a 30 de Setembro de 2008.
Área Temática: Biocombustíveis**

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal Folha de São Paulo
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico da Abag
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT
Revista Isto é Dinheiro Rural
Revista Globo Rural

Assistente de Pesquisa: Karina Kato

Índice

AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL.....	4
Etanol	4
Preferência por etanol consolida safra recorde de cana-de-açúcar - (04/09/2008) Ascom Conab – 04/09/2008	4
Safra de 2008 da cana-de-açúcar será alcooleira - (05/09/2008) Ascom Mapa – 05/09/2008.....	5
Plano contra a escravidão focaliza cana – João Carlos Magalhães e Thiago Reis – Folha de São Paulo – Dinheiro – 10/09/2008.....	6
Trabalhadores da cana-de-açúcar devem ter melhorias até novembro – Folha de são Paulo – dinheiro – 10/09/2008	7
Preferência por etanol consolida safra recorde de cana-de-açúcar – Sítio Eletrônico do MAPA – 04/09/2008.....	7
POLÍTICA NACIONAL DE BIOCOMBUSTÍVEL	8
Etanol	8
Cortadores de cana ocupam usina no Rio de Janeiro – Sítio Eletrônico da CPT – 10/09/2008.....	8
ONG divulga relatório sobre impacto dos agrocombustíveis na América Latina – Sítio Eletrônico da CPT – 11/09/2008.....	8
ONU propõe regras para a produção de etanol – Jamil Chade – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 10/09/2008.....	9
Governo quer conter cana na Amazônia – Marta Salomon – folha de São Paulo – Dinheiro – 14/09/2008.....	11
As alternativas para ampliar fontes de energia – O Globo – Economia – 07/09/2008.....	12
Petróleo forte em Colômbia, Equador e Venezuela – Andrés Rojas Jiménez e Ricardo Santamaría Daza e Mónica Orozco – O Globo – Economia – 07/09/2008	12
Matriz energética brasileira é uma das mais limpas do mundo - Ramona Ordoñez – O Globo – Economia – 07/09/2008.....	13
Na Argentina, o drama da escassez desde 2004 - Francisco Olivera – O Globo – Economia – 07/09/2008.....	14
Chile busca opção a gás de vizinhos - Danilo Bustamante – O Globo – Economia – 07/09/2008.....	15
Chile busca opção a gás de vizinhos - Danilo Bustamante – O Globo – Economia – 07/09/2008.....	15
Conab divulgará projeção da exportação de etanol até 2011 – Sítio Eletrônico do MAPA – 1/09/2008	16
Cana-de-açúcar: opção de matriz energética limpa e renovável – Sítio Eletrônico do MAPA – 02/09/2008	16
Brasil exporta conhecimento em etanol – Sítio Eletrônico do MAPA – 02/09/2008	17
Consumo interno de etanol crescerá 50% até 2011 – Sítio Eletrônico do MAPA – 04/09/2008.....	18
RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....	18
Etanol	18

UE reduz pela metade meta de consumo de etanol – Jamil Chade – Estado de São Paulo – economia e Negócios – 12/09/2008	18
Parlamento da UE quer reduzir meta de biocombustíveis - Marcelo Ninio – Folha de São Paulo – Dinheiro – 12/09/2008.....	19
Etanol americano – Globo Rural – setembro de 2008.....	21
Etanol, fome e colonialismo – Estado de São Paulo – Notas e Informações – 12/09/2008.....	26

Segunda Quinzena

AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL.....	27
Etanol	27
Usinas aceitam parar corte de cana se calor atingir 37C – Roberto Madureira – Folha de São Paulo – Dinheiro – 16/09/2008.....	27
Crise afeta novos projetos de etanol – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 17/09/2008.....	28
Etanol vai criar 12 milhões de empregos até 2030 – Jamil Chade – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 25/09/2008.....	29
Usinas fizeram acordo com importadora – Folha de São Paulo – Dinheiro – 30/09/2008.....	30
Moagem de cana ensaia bater recorde no Nordeste – Folha de São Paulo – Dinheiro – 30/09/2008.....	31
Petrobras produzirá etanol para os EUA - Ramona Ordoñez – O Globo – Economia – 18/09/2008.....	31
Colheita de cana avança no Centro-Sul do país – Valor Econômico – Agronegócios - 26/09/2008.....	32
Biodiesel	33
Chevron faz acordo com Brasil Ecodiesel – Gustavo Porto – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 18/09/2008.....	33
POLÍTICA NACIONAL DE BIOCOMBUSTÍVEIS	33
Etanol	33
Trabalhadores vão parar corte da cana em dias quentes – Sítio eletrônico da Contag - 19/09/2008	33
Canavieiros avaliam proposta dos empresários do setor sucroalcooleiro – Sítio eletrônico da Contag – 19/09/2008.....	34
Governo, sindicatos e empresas discutem melhorias no setor da cana-de-açúcar – Sítio Eletrônico da Contag - 23/09/2008	36
Repórter Brasil lança relatório sobre agrocombustíveis – Sítio Eletrônico da CPT – 23/09/2008.....	36
Cadeia de biocombustíveis busca certificação – André Palhano – Folha de São Paulo – Dinheiro – 30/09/2008.....	37
Biodiesel	38
Membros da Câmara do Biodiesel se reúnem hoje – Sítio Eletrônico da Contag - 23/09/2008	38

Etanol

Preferência por etanol consolida safra recorde de cana-de-açúcar - (04/09/2008) Ascom Conab – 04/09/2008

A indústria sucroalcooleira vai esmagar 558,72 milhões de toneladas de cana-de-açúcar na safra 2008. De acordo com o segundo levantamento feito pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a quantidade é recorde, ou 11,4% superior ao volume processado no ano passado, de 501,54 milhões de toneladas. O resultado foi anunciado, nesta quinta-feira (4), pelo presidente da estatal, Wagner Rossi, durante a XVI Feira Internacional da Indústria Sucroalcooleira (Fenasucro), em Sertãozinho/SP.

Somadas as 151,56 milhões de toneladas que serão colhidas no próximo período e destinadas à fabricação de rapadura, cachaça, ração animal e mudas, esta safra já se consolida como a maior da história do Brasil, com produção total de 710,28 milhões de toneladas. “Esse crescimento é registrado, principalmente, pela ampliação do plantio por 35 novas usinas e o aumento da produtividade obtido com as boas condições climáticas”, explica Rossi.

A área cultivada passou de 7,08 milhões para 8,98 milhões de hectares, expansão que se deu basicamente em áreas degradadas. “Dos 276 milhões de hectares de terras cultiváveis no País, 72% são ocupados por pastagens naturais/cultivadas, 15,5% por grãos e apenas 3,2% por cana-de-açúcar. O restante está com culturas perenes, como frutas e café”, informa.

Do volume apresentado, 317,82 milhões de toneladas serão destinadas à fabricação de álcool etílico (etanol), o que significa 17,29% a mais que em 2007. Isso vai gerar 27,08 bilhões de litros do combustível, sendo 63,76% de álcool hidratado (vendido nos postos) e o restante de álcool anidro (misturado à gasolina). Já a fabricação de açúcar vai consumir 240,89 milhões de toneladas de cana, com crescimento de 4,48%, o que resultará em 32,78 milhões de toneladas do produto.

Regiões – O Centro-Sul responde por 487,38 milhões de toneladas da cana, destinadas ao setor sucroalcooleiro. Isso corresponde a 87,23% do total que será industrializado. São Paulo segue como o Estado mais importante, com 325,61 milhões de toneladas (58,28%), seguido pelo Paraná, com 47,01 milhões de toneladas (8,41%).

Norte e Nordeste destinarão 71,33 milhões de toneladas à indústria. A colheita na região começou em agosto e segue até março. O destaque regional é Alagoas, com a quarta maior fabricação de açúcar e álcool do País, onde serão esmagadas 30,19 milhões de toneladas de cana. Para realizar o trabalho, mais de 50 técnicos da Conab visitaram 388 unidades, entre os dias 28 de julho e 8 de agosto. Eles entrevistaram representantes de usinas, entidades de classe, associações e cooperativas.

Consumo interno – A Conab também divulgou o estudo “O etanol como um novo combustível universal”. O trabalho, inédito, faz projeções do mercado até 2011. “A demanda interna pelo produto deve saltar de 16,47 bilhões de litros, no ano passado, para 24,78 bilhões de litros em 2011, ou seja, um incremento de 50,46%”, diz o analista responsável pela pesquisa, Ângelo Bressan.

As exportações também seguem em ritmo de crescimento. Até o final de 2008, serão enviados a outros países 4,17 bilhões de litros, ou 18,21% a mais que os 3,53

bilhões de litros de 2007. Em 2011, as exportações devem chegar a 6,10 bilhões de litros, com um aumento de 72,85% sobre o resultado do ano passado.

Segundo a análise, essa mudança reflete a opção de indústrias, produtores, governo e consumidores por uma matriz energética limpa. “Após quatro safras positivas, a frota de veículos em circulação no País, movidos exclusivamente à gasolina, caiu de 45% para 8%”, diz Bressan. Mais informações: www.conab.gov.br

Safra de 2008 da cana-de-açúcar será alcooleira- (05/09/2008) Ascom Mapa – 05/09/2008

A atual safra de cana-de-açúcar será alcooleira, porque 57% da produção serão destinados à fabricação de etanol e 43% de açúcar. O anúncio foi feito pelo presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), Wagner Rossi, ao divulgar o segundo levantamento da safra de cana-de-açúcar em 2008, durante a 16ª Feira Internacional da Indústria Sucroalcooleira (Fenasucro) e a 6ª Feira de Negócios e Tecnologia da Agricultura da Cana-de-Açúcar, em Sertãozinho/SP, ontem(4/9).

De acordo com Wagner Rossi, está prevista a produção de 27 bilhões de litros de álcool, um incremento de 18% em relação à safra anterior, sendo 17 bilhões de litros de álcool hidratado para os veículos flex e 10 bilhões de litros de álcool anidro para adição à gasolina, na proporção de 25%. Para o presidente da Conab, a tendência é de aumentar a exportação de etanol brasileiro, uma vez que o produto tem qualidade e preços competitivos e a indústria sucroalcooleira continua buscando mais mercados mundiais.

Os números do levantamento foram divulgados também em inglês e espanhol para atender os participantes estrangeiros dos dois eventos, que terminam nesta sexta-feira (5). Pela segunda vez, o anúncio foi feito fora de Brasília, o anterior foi em Ribeirão Preto/SP, no Agrisohow, no mês abril. A próxima estimativa da safra de cana, a terceira e última, está prevista para novembro.

Plano contra a escravidão focaliza cana – João Carlos Magalhães e Thiago Reis –
Folha de São Paulo – Dinheiro – 10/09/2008

O novo Plano Nacional para a Erradicação do Trabalho Escravo, que será lançado hoje em Brasília, terá como uma de suas metas combater o trabalho degradante em usinas e plantações de cana-de-açúcar.

O setor sucroalcooleiro, que tem concentrado o maior número de libertações nos últimos dois anos, é alvo de um artigo específico do documento. O plano é o principal instrumento administrativo para nortear ações do governo e da sociedade civil no combate ao trabalho degradante. No caso da cana, o objetivo é "apoiar e incentivar a celebração de pactos coletivos entre as representações de empregadores e trabalhadores". No primeiro plano, de 2003, a cana não era citada.

No início deste ano, a Secretaria de Inspeção do Trabalho já havia eleito os usineiros como "foco prioritário" das blitzes dos grupos móveis. A ação de número 40 do novo plano é considerada preventiva e também inclui o setor carvoeiro. São 66 ações previstas no documento - a maioria delas de reinserção ou repressão. A Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar) não quis comentar ontem a menção. Para o frei Xavier Plassat, coordenador do programa de combate ao trabalho escravo da CPT (Comissão Pastoral da Terra), o novo plano conta com propostas "mais concretas" que o anterior, considerado "muito institucional".

O novo plano também terá como metas a atenção maior aos imigrantes ilegais, a proibição de crédito entre bancos privados para empresas que submetem seus empregados a trabalho análogo à escravidão (hoje apenas instituições públicas não podem emprestar dinheiro) e o acesso de todos os libertados ao Bolsa Família. Do antigo plano, 3 de cada 10 metas não foram cumpridas, segundo Paulo Vannuchi, ministro da Secretaria Especial de Direitos Humanos.

Pauta de 18 itens - Representantes do governo, de empresas e de trabalhadores do ramo da cana definiram ontem em reunião no Palácio do Planalto pauta de 18 itens com o intuito de melhorar as condições de trabalho do setor. Entraram na pauta questões relativas a contratos e jornada de trabalho, saúde, segurança, remuneração, adequação das condições de alimentação, moradia, transporte e qualificação dos trabalhadores. A expectativa, segundo Antônio Lambertucci, secretário-executivo da Secretaria Geral da Presidência, é que até novembro se avance nos temas mais sensíveis. No tocante à mecanização do setor, Lambertucci citou que a estimativa das empresas é que apenas em São Paulo cerca de 180 mil trabalhadores sejam substituídos por máquinas até 2014.

Colaborou a Sucursal de Brasília

Trabalhadores da cana-de-açúcar devem ter melhorias até novembro – Folha de São Paulo – dinheiro – 10/09/2008

Representantes do governo, de empresas e de trabalhadores do ramo da cana-de-açúcar definiram ontem em reunião no Planalto uma pauta de 18 itens que entrarão numa espécie de mesa de negociações com o intuito de melhorar as condições de trabalho do setor.

Entraram na pauta, entre outros temas, questões relativas a contratos e jornada de trabalho, saúde, segurança, remuneração, adequação das condições de alimentação, moradia e transporte, elevação da escolaridade, qualificação e recolocação dos trabalhadores.

A expectativa, segundo Antônio Lambertucci, secretário-executivo da Secretaria Geral da Presidência, é que até novembro se avance nos temas mais sensíveis. No tocante à mecanização do setor, Lambertucci citou que a estimativa das empresas é de que só em São Paulo cerca de 180 mil trabalhadores sejam substituídos por máquinas até 2014.

O objetivo do governo é estimular uma espécie de protocolo de "boas práticas" do setor. Representantes do governo já defenderam, em outras ocasiões, a criação de uma espécie de "selo socioambiental", atestando que a cana ou o álcool de determinada empresa tenha sido produzido em condições aceitáveis de trabalho, e preservando o ambiente. São freqüentes as críticas internacionais sobre as condições de trabalho no setor canavieiro, com denúncias de trabalho análogo ao escravo, entre outras.

Ao fim do encontro, Renato Cunha, representante do Fórum Nacional Sucroalcooleiro, afirmou que os empresários estão tentando tirar o "estigma" envolvendo o setor. Ele rebateu as reclamações freqüentes de trabalhadores sobre as condições de trabalho, dizendo que ninguém é obrigado a ficar nos canaviais. "Olha, o trabalho não é compulsório, não há obrigatoriedade do trabalhador ficar conosco. O sistema de produção pode não ser agradável, mas ele remunera bem melhor do que várias atividades no país."

Preferência por etanol consolida safra recorde de cana-de-açúcar – Sítio Eletrônico do MAPA – 04/09/2008

Sertãozinho/SP (4.9.2008) - A indústria sucroalcooleira vai esmagar 558,72 milhões de toneladas de cana-de-açúcar na safra 2008. De acordo com o segundo levantamento feito pela Conab, a quantidade é recorde, ou 11,4% superior ao volume processado no ano passado, que foi de 501,54 milhões de toneladas. O resultado foi anunciado nesta quinta-feira (4), às 14h30, pelo presidente da estatal, Wagner Rossi, na 16ª Feira Internacional da Indústria Sucroalcooleira (Fenasucro), em Sertãozinho/SP.

Somadas as 151,56 milhões de toneladas que serão colhidas no próximo período, e destinadas à fabricação de rapadura, cachaça, ração animal e mudas, esta safra já se consolida como a maior da história do Brasil, com produção total de 710,28 milhões de

toneladas. “Esse crescimento é registrado, principalmente, pela ampliação do plantio por 35 novas usinas e o aumento da produtividade obtido com as boas condições climáticas”, explicou Rossi.

A área cultivada passou de 7,08 milhões para 8,98 milhões de hectares, expansão que se deu basicamente em áreas degradadas. "Dos 276 milhões de hectares de terras cultiváveis no País, 72% são ocupados por pastagens naturais/cultivadas, 15,5% por grãos e apenas 3,2% por cana-de-açúcar. O restante está com culturas perenes, como frutas e café”, informou.

Do volume apresentado, 317,82 milhões de toneladas serão para a fabricação de álcool etílico (etanol), o que significa 17,29% a mais que em 2007. Isso vai gerar 27,08 bilhões de litros do combustível, sendo 63,76% de álcool hidratado (vendido nos postos) e o restante de álcool anidro (misturado à gasolina). Já a fabricação de açúcar vai consumir 240,89 milhões de toneladas de cana, crescimento de 4,48%, resultando em 32,78 milhões de toneladas do produto.

Regiões - O Centro-Sul responde por 487,38 milhões de toneladas da cana que vai para o setor sucroalcooleiro, o que corresponde a 87,23% do total que será industrializado. São Paulo segue como o estado que mais produz, com 325,61 milhões de toneladas (58,28%), seguido do Paraná, com 47,01 milhões de toneladas (8,41%).

Já o Norte/Nordeste destinará 71,33 milhões de toneladas para a indústria. A colheita na região começou em agosto e segue até março. O destaque é de Alagoas, com a quarta maior fabricação de açúcar e álcool do País, com previsão de esmagar 30,19 milhões de toneladas de cana. Para realizar o trabalho, mais de 50 técnicos da estatal visitaram 388 unidades, entre os dias 28 de julho e 8 de agosto. Eles entrevistaram representantes de usinas, entidades de classe, associações e cooperativas.

POLÍTICA NACIONAL DE BIOCOMBUSTÍVEL

Etanol

Cortadores de cana ocupam usina no Rio de Janeiro – Sítio Eletrônico da CPT – 10/09/2008

Bahianos e Mineiros, cortadores de cana, ocuparam a Usina Santa Cruz em Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, hoje, dia 10 de setembro, pela manhã. Depois de inúmeras tentativas de negociação e cansados de serem enganados, os cortadores decidiram pela ocupação. Com salários e FGTS atrasado desde 2006, os manifestantes esperam a intervenção do Ministério Público do Trabalho.

ONG divulga relatório sobre impacto dos agrocombustíveis na América Latina – Sítio Eletrônico da CPT – 11/09/2008

A ONG Amigos da Terra divulgou, no dia 10 de setembro, um relatório sobre os impactos dos agrocombustíveis sobre a América Latina. Segundo o estudo, chamado de

“O combustível da destruição da América Latina”, os agrocombustíveis acentuam a concentração de terras, incentivam o aumento dos preços de produtos agrícolas e a destruição do meio ambiente. Ainda de acordo com o relatório, o aumento da demanda nos Estados Unidos e Europa tem impulsionado a transformação da paisagem agrícola na América Latina e a chegada de multinacionais agravou o já existente conflito pela posse da terra. Áreas que antes eram destinadas à produção de alimentos têm sido substituídas para o plantio de produtos mais rentáveis como a cana-de-açúcar e a soja. O relatório da ONG também critica o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento, que apoiam projetos na área de agrocombustíveis sem considerar seus impactos nas comunidades locais. (fonte: Le Monde)

ONU propõe regras para a produção de etanol – Jamil Chade – Estado de São Paulo
– Economia e Negócios – 10/09/2008

Para tentar dar um ponto final à polêmica do etanol e seu impacto nos preços de alimentos, a ONU propõe a criação de uma série de critérios para que os biocombustíveis sejam produzidos, uma entidade para monitorar a questão e a revisão dos subsídios que existem para o setor nos países ricos. Hoje, o relator das Nações Unidas para a Alimentação, Olivier de Schutter, apresentará sua proposta aos países da entidade. Ele poupa o etanol do Brasil de críticas e garante que a alta de preços dos alimentos no mundo não foi gerada pelo País. Mas confirma que o biocombustível em outros mercados teve um impacto direto nos preços dos alimentos.

“A produção atual de etanol não é sustentável”, afirmou. A proposta de Schutter é que a comunidade internacional chegue a um consenso sobre as regras para a produção do etanol e para o estabelecimento de políticas públicas. Os critérios propostos devem incluir não apenas questões de preços de alimentos, mas aspectos relacionados ao meio ambiente e condições de trabalho. Para ele, a exploração é “frequente” nas grandes plantações da indústria de biocombustíveis.

“Se o modelo de produção do etanol continuar, violações aos direitos à alimentação se proliferarão.” Sua proposta é que cada novo investimento passe por uma avaliação sobre o impacto ambiental que terá, sobre o efeito na concentração de terras, as condições de trabalho e o preço dos alimentos na região.

Os critérios de produção e investimento devem incluir garantias de acesso a alimentos, de que pequenos agricultores não serão expulsos de suas terras e casas, de remuneração justa aos trabalhadores e de proteção dos direitos de indígenas e mulheres. Segundo a proposta, “países devem ser encorajados a não permitir investimentos se esses critérios não forem seguidos”.

O acesso aos mercados internacionais só poderia ocorrer se o etanol fosse produzido nessas bases. A ONU sugere até mesmo uma reforma nas leis da Organização Mundial do Comércio (OMC) para permitir que a discriminação seja feita. Para monitorar o cumprimento dos critérios, a ONU sugere a criação de um fórum permanente.

Outra proposta é dar fim a todos os esquemas de subsídios e incentivos fiscais nos países ricos para a produção de etanol, o que estaria gerando uma distorção nos mercados e um comércio artificial.

AMEAÇA - A ONU não nega que o avanço do etanol contribuiu para o aumento dos preços das commodities, “ameaçando o direito à alimentação”. Um aumento de 1 ponto percentual no preço de alimentos provoca um aumento de 16 milhões de pessoas que sofrem de subnutrição.

De acordo com Schutter, o Fundo Monetário Internacional (FMI) concluiu que o etanol foi responsável por 70% da alta no preço do milho e 40% no da soja. Outro estudo aponta que o etanol americano teria sido o principal responsável pela alta dessas commodities em 2007 e 2008, que foi superior até ao aumento do preço do petróleo. Diante dessa constatação, o relator da ONU pede que metas de expansão do etanol nos Estados Unidos e Europa sejam abandonadas.

BRASIL - Para Schutter, porém, seria “irresponsável condenar” todas as políticas de etanol no mundo. A produção para o consume local reduzir a dependência de petróleo não é a mesma da produção em grande escala para a exportação. Para ele, não se pode avaliar da mesma forma o etanol produzido de milho e o de cana. Cada um teria feito diferente para o meio ambiente e para a criação de empregos. No Brasil, 1 milhão de pessoas estariam empregada no setor. Mas a ONU alerta que a mesma situação pode não ocorrer em outros países.

“A produção de etanol do Brasil a partir da cana não contribuiu para a recente alta nos preços das commodities”, afirmou. O motivo é que a produção de cana no País aumentou de forma significativa e as exportações de açúcar triplicaram desde 2000. O Brasil ainda passou a dominar 40% do mercado mundial de açúcar, ante o peso de 20% em 2000. Segundo os estudos, as exportações nacionais de açúcar foram suficientes para manter a alta na commodity relativamente modesta, salvo em 2005 e 2006, quando uma seca afetou a produção.

CONCENTRAÇÃO - Um temor da ONU é que haja uma corrida por terras para a produção do etanol, deixando um espaço menor para a produção de alimentos e encarecendo o preço das commodities. O etanol não seria o único problema. A compra de terras por estrangeiros para garantir seu abastecimento seria outro problema crítico.

O etanol, segundo a ONU, provoca uma concentração de terras e ameaça o acesso de indígenas e pequenos produtores às áreas agricultáveis. No total, 60 milhões de indígenas e povos autóctones seriam afetados diretamente pela produção do etanol no mundo.

O relatório ainda alerta que a produção de etanol em um país em desenvolvimento para abastecer um mercado rico não vai ajudar na geração de desenvolvimento e combate à pobreza. O Brasil, ao lado dos Estados Unidos, está promovendo projetos nesse estilo na América Central.

FRASES - Olivier Schutter - Relator da ONU para a Alimentação

“Se o modelo de produção do etanol continuar, violações aos direitos à alimentação se proliferarão”...“Países devem ser encorajados a não permitir investimentos se os critérios não forem seguidos”...“A produção de etanol do Brasil a partir da cana não contribuiu para a recente alta nos preços das commodities”

Governo quer conter cana na Amazônia – Marta Salomon – folha de São Paulo – Dinheiro – 14/09/2008

A expansão do cultivo da cana-de-açúcar poderá ser freada numa área de 4,6 milhões de quilômetros quadrados -quase metade do território nacional-, segundo a proposta de zoneamento que será levada ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva nos próximos dias, sob oposição do agronegócio.

As oito usinas já instaladas e mais um projeto consolidado na Amazônia e na bacia do Alto Paraguai, região no entorno do Pantanal, terão a produção de álcool combustível assegurada, no limite das licenças ambientais já concedidas, segundo acordo preliminar entre os ministros Reinhold Stephanes (Agricultura) e Carlos Minc (Meio Ambiente).

O zoneamento da cana procura dar respaldo ao discurso de Lula, segundo o qual o projeto de transformar o Brasil em potência do álcool não se dará à custa de mais desmatamento da Amazônia nem do aumento do preço dos alimentos - duas preocupações que ganharam escala mundial.

Na próxima década, a área plantada deverá crescer cerca de 7 milhões de hectares ou pouco mais do que os Estados do Sergipe e do Espírito Santo juntos, segundo projeção do governo e de produtores.

Para atender ao consumo interno e às exportações, a produção de álcool deverá passar dos atuais 22,4 bilhões de litros para 65,3 bilhões, em 2020.

Alimentos - Na última reunião de ministros sobre o tema, Stephanes expôs que havia 60 milhões de hectares no país mais ou menos aptos à expansão do cultivo da cana, ocupados atualmente por pastos e cultivo de alimentos. Dilma Rousseff (Casa Civil) se exaltou ao perceber que o zoneamento não assegurava que a expansão da cana evitaria áreas ocupadas atualmente pelo cultivo de alimentos.

"A competição sempre existiu; quando o álcool tem preço, ele ganha, quem decide entre produzir alimento ou energia é o produtor", afirmou Antonio de Pádua Rodrigues, diretor-técnico da Unica, entidade que representa produtores de açúcar e de álcool.

Stephanes acredita que o acesso ao crédito vai estimular a expansão da cana-de-açúcar apenas sobre áreas de pastagens já degradadas. Enquanto o governo discute internamente o zoneamento da cana-de-açúcar, previsto inicialmente para o final de julho, os produtores cuidam de expandir o cultivo. O último levantamento da safra de

2008 divulgado pela Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) estima em 27% o crescimento da área plantada em relação à safra de 2007.

O crescimento maior é estimado para Minas Gerais e Goiás, 50,6% e 48%, respectivamente. Em pleno bioma amazônico, a área plantada em Roraima cresceu em um ano quase 20%, a ponto de se destacar nas estatísticas oficiais.

A expectativa do grupo instalado no município de Bonfim é começar a produzir álcool no ano que vem e chegar a 530 mil litros do combustível em 2014.

Pantanal - No entorno do Pantanal- onde já há quatro usinas instaladas-, é forte a pressão por novas áreas para a cana. "Não faz sentido a proibição: se as quatro usinas já existentes não agridem o meio ambiente, por que não mais uma, duas ou três usinas?", questiona o presidente da Federação de Agricultura e Pecuária de Mato Grosso, Rui Prado. Com projetos para duas novas usinas em análise nos órgãos ambientais do Estado, o produtor Normando Corral diz que as proibições não atendem a um critério técnico. "O critério é paranóico ambiental; o governo vai condenar a região ao fracasso econômico."

Na quinta-feira, o governador Blairo Maggi (MT) abordou Carlos Minc em reunião no Planalto. Pediu o apoio do ministro para mudar uma resolução do Conama (Conselho Nacional do Meio Ambiente), que, desde 1985, mandou suspender licenças para novas destilarias de álcool na região. "Não", respondeu Minc a Maggi. "Há uma questão jurídica intransponível", argumentou o ministro. A palavra final caberá ao presidente Lula.

As alternativas para ampliar fontes de energia – O Globo – Economia – 07/09/2008

A alta dos preços do petróleo no mercado internacional e o aumento da demanda estão fazendo com que os países busquem alternativas para enfrentar a escassez. Nem sempre ampliar investimentos é o bastante, como mostra um levantamento sobre a situação energética em países da América Latina feito pelo Grupo de Diários América (GDA). No caso chileno, o corte de fornecimento de gás por parte da Argentina exigiu uma corrida pelos projetos de hidrelétricas e a construção de usinas de carvão. No Brasil, cada vez mais a cana vem ganhando espaço na matriz energética, uma das mais limpas do mundo. Na Venezuela, a abundância de petróleo e a alta de preços no mercado externo permitiram combinar uma política de segurar reajustes na gasolina com aumento das receitas da PDVSA.

Petróleo forte em Colômbia, Equador e Venezuela – Andrés Rojas Jiménez e Ricardo Santamaría Daza e Mónica Orozco – O Globo – Economia – 07/09/2008

Alta dos preços eleva receita de países com vendas externas CARACAS, BOGOTÁ e QUITO. A alta dos preços internacionais do petróleo elevou a receita das exportações de Venezuela, Colômbia e Equador. As vendas da estatal Petróleos de Venezuela (PDVSA), por exemplo, cresceram 77,92% no primeiro semestre, para US\$ 48,555 bilhões, em relação ao mesmo período de 2007. A Colômbia não precisa importar petróleo, e o Equador continua exportador líquido do produto. Mas a mudança

da matriz energética anda devagar. A Venezuela criou uma contribuição especial sobre os preços extraordinários do petróleo, que corresponde a uma taxa superior a 50% sobre a receita adicional quando o barril ultrapassar US\$ 70 e 60% quando bater os US\$ 100. Os recursos serão usados no setor de transporte, como ferrovias e metrô. A receita extra também levou o governo a ampliar a esfera de competência da PDVSA para o setor agroindustrial. E a postergar um reajuste do preço da gasolina, congelado há 11 anos. Não supera US\$ 0,04 o litro. Na Colômbia, a produção de petróleo está próxima dos 600 mil barris diários, nível não registrado desde a década passada. Isso se deve, em parte, à criação, em 2003, da Agência Nacional de Hidrocarbonetos e da maior competitividade da Ecopetrol, que deixou de ser um monopólio estatal. Também cresceram os investimentos estrangeiros no setor: de US\$ 91,7 milhões no primeiro trimestre de 2001, atingiram US\$ 948,2 milhões em igual período de 2008, segundo o Banco da República, o banco central colombiano. Refinaria e hidrelétricas nos planos equatorianos As exportações de petróleo somaram US\$ 6,358 bilhões no primeiro semestre deste ano, contra US\$ 2,906 bilhões em igual período de 2007. E o governo está aproveitando para reduzir os subsídios à gasolina. Outra iniciativa importante foi o impulso dado às fontes alternativas de energia, a partir de 2005. Há fornecimento de biogasolina em Bogotá e 11 estados. No Equador, o petróleo responde por 79% da matriz energética, mas a produção vem declinando. As três refinarias do país estão deterioradas, porque, projetadas para processar óleo leve, recebem o pesado. Com isso, só abastecem 70% das necessidades do país. Para mudar essa situação, o governo planeja construir outra refinaria. Outro problema são os subsídios. No primeiro semestre, os equatorianos pagaram um preço médio de US\$ 35 por barril, a terça parte do real (US\$ 111). A mudança na matriz energética, apesar de lenta, também está nos planos do governo. Serão construídas nove hidrelétricas, e estão previstas mais seis. Juntas, somariam 2.949,8 megawatts (MW), em pleno funcionamento em 2012.

Matriz energética brasileira é uma das mais limpas do mundo - Ramona Ordoñez – O Globo – Economia – 07/09/2008

O Brasil foi menos afetado pela recente alta do petróleo que a maior parte de seus vizinhos. Resultado da combinação entre matriz energética limpa e auto-suficiência em petróleo. De acordo com Maurício Tolmasquim, presidente da Empresa de Pesquisa Energética (EPE), responsável pelo planejamento nacional do setor, 46,4% de toda energia produzida no país vêm de fontes renováveis. A média mundial é de 13%. — O Brasil tem hoje uma das matrizes mais renováveis do mundo. Nossos estudos indicam que vamos manter a proporção de quase 50% de renováveis até 2030 — diz Tolmasquim. Já a participação de petróleo e derivados na matriz energética brasileira está caindo. Passou de 37,8% em 2006 para 36,7% em 2007. A projeção para 2030 é de 29%. O espaço dos combustíveis fósseis vem sendo tomado em parte pela canadeaçúcar (álcool e bagaço), que já representa 16% da matriz, a segunda maior fonte de geração de energia do Brasil depois do petróleo. Em 2030, o percentual alcançar 18%. O avanço da cana deve-se principalmente ao mercado de combustíveis, herança do Proálcool, programa dos anos 70 que incentivou o uso do etanol para reduzir a dependência das importações de petróleo. Hoje, a gasolina distribuída nos postos tem uma mistura de 25% de álcool. E mais de 70% da produção de automóveis no país são do tipo flex fuel que podem rodar com gasolina ou álcool. Já são cerca de 6 milhões de unidades no país, desde que o modelo foi introduzido em 2003. A auto-suficiência em petróleo —

conquistada em 2006 — aliada à política de preços dos combustíveis da Petrobras, que não repassa a todo instante a volatilidade das cotações internacionais, fizeram com que os consumidores brasileiros não sentiram a disparada de preços do petróleo ocorrida no início do ano, nem agora a sua queda. O ponto fraco é o gás natural pois depende 50% das importações. Petrobras está investindo US\$ 18,2 bilhões até 2012 para reduzir a dependência.

Na Argentina, o drama da escassez desde 2004 - Francisco Olivera – O Globo – Economia – 07/09/2008

Do La Nación BUENOS AIRES. A Argentina vive uma crise energética desde 2004, o que levou o governo a reduzir quase a zero as exportações de gás para o Chile e a cortar o fornecimento de gás natural ao setor industrial durante o inverno. No ano passado, fez cortes de energia elétrica por 69 dias consecutivos a cerca de 5 mil empresas. Este ano, o racionamento atingiu menos empresas e durou menos tempo. Medidas tomadas pelo governo, como o plano de incentivos para exploração da plataforma marítima e a licitação de campos marginais (devolvidos pelas petrolíferas às províncias por serem pouco atrativas) para exploração por pequenas empresas, não resolveram a crise. Tampouco o programa Gas Plus, iniciado em 2007 e que permite que o gás adicional à oferta existente seja comercializado a preços mais altos, surtiu resultado. Uma das conseqüências da falta de investimento é que a Argentina deve se tornar, segundo analistas, importador líquido de petróleo em 2010. Quase 90% da matriz energética argentina dependem de petróleo e gás. No entanto, a produção de ambos cai quase interrompemente desde 1998, refletindo o divórcio entre preços locais e internacionais. Esse processo se acelera por um efeito duplo: os baixos valores afugentam os investimentos e multiplicam a demanda. Segundo um estudo de Fernando Navajas, economista da Fundación de Investigaciones Económicas Latinoamericanas (FIEL), a Argentina terá a partir do próximo semestre um custo adicional de US\$ 250 milhões pelo gás que importa da Bolívia e de US\$ 350 milhões pela compra de combustíveis líquidos para centrais elétricas. Além disso, gastará este ano US\$ 800 milhões com importação de diesel

Chile busca opção a gás de vizinhos - Danilo Bustamante – O Globo – Economia – 07/09/2008

Do El Mercurio SANTIAGO DO CHILE. Depois de apostar fortemente no gás argentino, e se ver ameaçado por cortes no fornecimento pelo país vizinho a partir de 2004, o Chile diversificou suas fontes de energia. Nos últimos anos, o país vem substituindo o gás argentino pelo gás natural liquefeito (GNL), está correndo para aprovar projetos de hidrelétricas e tem retomado, inclusive, a construção de usinas a carvão. O ápice da crise energética no Chile foi no início deste ano, quando o governo admitiu que o país sofria risco de racionamento. A recente escassez na oferta de energia foi agravada pela falta de chuvas. O ano de 2008 é o terceiro mais seco das últimas seis décadas no país, onde as hidrelétricas respondem por 53% da energia elétrica. A crise, porém, teve início há quatro anos, quando a Argentina começou a restringir seu fornecimento de gás. Na década de 90, o Chile fez uma forte aposta no então preço baixo deste combustível, freando os investimentos em outros tipos de termelétricas, como as movidas a carvão. E, nos últimos dez anos, o país inaugurou apenas duas hidrelétricas. O corte de gás pela Argentina pegou o país de surpresa. Desde então, o Chile tem buscado outras fontes de energia. Porém, não a tempo de evitar o risco de racionamento este ano, já que as novas usinas só entram em operação a partir de 2009. Uma das saídas buscadas pelo Chile foi substituir o gás argentino por gás natural liquefeito (GNL). As estatais Enap e Codelco, em parcerias com empresas privadas, deram início à construção de dois terminais de GNL, nas regiões de Valparaíso e Antofagasta, que começarão a operar no ano que vem. Em todo o país, se multiplicaram os investimentos privados em termelétricas a carvão. A projeção é que, em 2015, o carvão representará 30% do principal sistema elétrico do país, o SIC, o triplo da participação atual. E as empresas Endesa y Colbún e HidroAysén já deram início aos trâmites ambientais para construir cinco hidrelétricas na Região de Aisén

Chile busca opção a gás de vizinhos - Danilo Bustamante – O Globo – Economia – 07/09/2008

Do El Mercurio SANTIAGO DO CHILE. Depois de apostar fortemente no gás argentino, e se ver ameaçado por cortes no fornecimento pelo país vizinho a partir de 2004, o Chile diversificou suas fontes de energia. Nos últimos anos, o país vem substituindo o gás argentino pelo gás natural liquefeito (GNL), está correndo para aprovar projetos de hidrelétricas e tem retomado, inclusive, a construção de usinas a carvão. O ápice da crise energética no Chile foi no início deste ano, quando o governo admitiu que o país sofria risco de racionamento. A recente escassez na oferta de energia foi agravada pela falta de chuvas. O ano de 2008 é o terceiro mais seco das últimas seis décadas no país, onde as hidrelétricas respondem por 53% da energia elétrica. A crise, porém, teve início há quatro anos, quando a Argentina começou a restringir seu fornecimento de gás. Na década de 90, o Chile fez uma forte aposta no então preço baixo deste combustível, freando os investimentos em outros tipos de termelétricas, como as movidas a carvão. E, nos últimos dez anos, o país inaugurou apenas duas hidrelétricas. O corte de gás pela Argentina pegou o país de surpresa. Desde então, o Chile tem buscado outras fontes de energia. Porém, não a tempo de evitar o risco de racionamento este ano, já que as novas usinas só entram em operação a partir de 2009. Uma das saídas buscadas pelo Chile foi substituir o gás argentino por gás natural

liquefeito (GNL). As estatais Enap e Codelco, em parcerias com empresas privadas, deram início à construção de dois terminais de GNL, nas regiões de Valparaíso e Antofagasta, que começarão a operar no ano que vem. Em todo o país, se multiplicaram os investimentos privados em termelétricas a carvão. A projeção é que, em 2015, o carvão representará 30% do principal sistema elétrico do país, o SIC, o triplo da participação atual. E as empresas Endesa y Colbún e HidroAysén já deram início aos trâmites ambientais para construir cinco hidrelétricas na Região de Aisén

Conab divulgará projeção da exportação de etanol até 2011 – Sítio Eletrônico do MAPA – 1/09/2008

Brasília (1º.9.2008) - A influência da exportação do etanol na economia brasileira está dimensionada na projeção que a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) divulgará durante o anúncio do segundo levantamento da safra de cana-de-açúcar 2008, nesta quinta-feira (4), às 14h30, em Sertãozinho/SP. O estudo, apresentado na 16ª Feira Internacional da Indústria Sucroalcooleira (Fenasucro), destaca o etanol “como um novo combustível universal” e analisa a quantidade de litros que será escoada para outros países até 2011.

De acordo com dados da Conab, o Brasil exportou no ano passado 3,53 bilhões de litros de álcool etílico, principalmente para os Estados Unidos, Países Baixos e Caribe. Dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic) mostram que o faturamento nesse período foi de US\$ 1,48 bilhões.

Para chegar aos números e traçar um perfil do setor sucroalcooleiro nos próximos anos, a pesquisa usou uma fórmula matemática e levou em conta resultados de anos anteriores. O trabalho também teve como fontes a Agência Nacional do Petróleo (ANP), Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) e Mdic. (*Conab*)

Cana-de-açúcar: opção de matriz energética limpa e renovável – Sítio Eletrônico do MAPA – 02/09/2008

Araras/SP (2.9.2008) - A cana-de-açúcar responde por 16% da matriz energética brasileira, uma das mais limpas e renováveis do mundo, atrás apenas do petróleo e derivados (37%). Da planta aproveita-se o caldo, o bagaço e a palha da cana para produção de açúcar, etanol, adubo e bioeletricidade, com vantagem de reduzir impactos ambientais e gerar créditos de carbono.

As informações foram prestadas pelo assessor econômico da União da Indústria de Cana-de-açúcar (Única), Luciano Rodrigues, durante palestra na *1ª Semana do Etanol: compartilhando a experiência brasileira* (em inglês, *1st Ethanol Week: sharing the Brazilian experience*), nesta terça-feira (2), em Araras/SP. O encontro é promovido pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), no Centro de Ciências Agrárias, da Universidade Federal de São Carlos (Ufscar),

Rodrigues informou que apenas 20 produtores de petróleo fornecem combustível fóssil para todo o mundo. Ele acredita que mais de cem países poderiam produzir biocombustíveis para 200 nações, utilizando a cana-de-açúcar como matéria-prima.

O setor sucroalcooleiro tem expectativa de que até 2010 mais de 450 unidades produtoras de açúcar e álcool estejam funcionando. Hoje são 410 unidades industriais. Há previsão de investimentos da ordem de US\$ 33 bilhões na instalação de novas unidades produtoras até 2012. Neste mesmo período, a participação do capital estrangeiro no setor deverá aumentar de 7% para 12%.

Em relação à produção da cana, o assessor da Única disse que o plantio está concentrado na região centro-sul do País, distante mais de 2,5 mil km da Floresta Amazônica, e o cultivo pode ocupar 25 milhões de hectares das áreas de pastagens degradadas disponíveis.

Participam do encontro em Araras representantes do governo e de empresas privadas de mais de 30 países da América Latina, Caribe e África, como Moçambique, Senegal, Colômbia, Panamá, Argentina, Haiti, Togo e Cabo Verde. (*Inez De Podestà*)

Brasil exporta conhecimento em etanol – Sítio Eletrônico do MAPA – 02/09/2008

Araras/SP (2.9.2008) - *A 1ª Semana do Etanol: compartilhando a experiência brasileira* (em inglês, *1st Ethanol Week: sharing the Brazilian experience*), em Araras/SP, está facilitando os acordos de cooperação técnica entre o Brasil e os países da América Latina, Caribe e África. A opinião é do coordenador-geral de Agropecuária, Energia, Biocombustíveis e Meio Ambiente, da Agência Brasileira de Cooperação (ABC), do Ministério das Relações Exteriores (MRE), Olyntho Vieira.

Para Vieira, a transferência de conhecimento em tecnologia para agricultura tropical passa pelo Brasil, especificamente, quando se trata de biocombustíveis. Ele explicou que a ABC procura facilitar o processo de capacitação e formação de mão-de-obra entre países em desenvolvimento.

De acordo com o coordenador, o Brasil é reconhecido internacionalmente e domina todo o processo de produção e utilização do etanol e, sendo assim, este tema é um dos que mais tem recebido pedidos de cooperação por parte de outros países junto à ABC. “Este tipo de disseminação de conhecimento entre países do hemisfério sul se distingue daquela tradicionalmente realizada com os países do hemisfério norte, pois não estamos transferindo recursos ou financiamentos, mas capacitação técnica”, alerta o coordenador. (*Inez De Podestà*)

Consumo interno de etanol crescerá 50% até 2011 – Sítio Eletrônico do MAPA – 04/09/2008

Sertãozinho/SP (4.9.2008) - A demanda interna pelo etanol deve saltar de 16,47 bilhões de litros no ano passado para 24,78 bilhões de litros em 2011, um incremento de 50,46%. A informação é do analista Ângelo Bressan, responsável pela pesquisa “O etanol como um novo combustível universal”, trabalho inédito que faz projeções do mercado até 2011, divulgado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) na 16ª Feira Internacional da Indústria Sucroalcooleira (Fenasucro), em Sertãozinho/SP, nesta quinta-feira (4).

De acordo com a pesquisa, as exportações também seguem em ritmo de crescimento. Até o final de 2008 serão enviados a outros países 4,17 bilhões de litros, ou 18,21% a mais que os 3,53 bilhões de litros de 2007. Já em 2011 as exportações devem chegar a 6,10 bilhões de litros, um aumento de 72,85% sobre o resultado do ano passado.

Segundo a análise, essa mudança reflete a opção de indústrias, produtores, governo e consumidores por uma matriz energética limpa. “Após quatro safras positivas, a frota de veículos em circulação no País, movidos exclusivamente à gasolina, caiu de 45% para 8%”, informou Bressan.

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Etanol

UE reduz pela metade meta de consumo de etanol – Jamil Chade – Estado de São Paulo – economia e Negócios – 12/09/2008

O objetivo do Brasil de transformar o etanol em uma commodity internacional sofre um duro revés. Ontem, um dos principais comitês do Parlamento Europeu votou por modificar o pacote de leis para combater as mudanças climáticas e reduziu quase pela metade as metas de expansão do uso do etanol na União Européia até 2020. Pelo projeto original, a UE seria obrigada a importar biocombustível do Brasil para suprir a meta.

Com o corte, o comércio deve ser afetado. Os parlamentares acreditam que a Europa deve se focar em desenvolver carros movidos eletricidade e hidrogênio, e não com base no biocombustível. A idéia da UE era a de ter 10% de seus veículos movidos a etanol até 2020. O Brasil esperava ocupar pelo menos um quinto desse mercado.

Hoje, a Europa consome 20% das exportações brasileiras de etanol, com 2,1 bilhões de litros em três anos. Se a meta fosse mantida, a UE compraria do Brasil cerca de 2,8 bilhões de litros por ano até 2010 e 4,9 bilhões até 2020.

Mas o comitê alegou que a meta era inviável, geraria desmatamento e alta nos preços de alimentos. A votação ocorre depois de meses de pressão por parte de grupos ambientais e opositores ao etanol. O governo brasileiro chegou a alertar que parte do lobby tem sido apoiado pela indústria do petróleo.

A meta fazia parte de um pacote ambicioso da UE para reduzir a dependência do petróleo e emitir um volume menor de gás carbônico. E tinha como objetivo criar uma nova base energética. A esperança era de que o projeto entrasse em vigor no dia 1 de janeiro de 2009. Para 2020, a idéia seria de 20% de toda a energia européia vir de fontes renováveis - o dobro dos atuais. O comitê manteve a meta de 10% para energias renováveis no transporte.

Mas decidiu que pelo menos 40% sejam obtidos com eletricidade, hidrogênio e de biocombustíveis de segunda geração (fabricados a partir do lixo). Na prática, o etanol feito a partir de milho, cana e outros produtos agrícolas se limitarão a 4% do consumo europeu em 2020. Hoje, o etanol ocupa cerca de 2% dos veículos europeus.

Diplomatas brasileiros que acompanharam a decisão não escondiam a decepção. A própria Organização das Nações Unidas (ONU) pediu que a meta fosse abandonada, alegando que somente seria atingida com amplos subsídios que distorceriam os mercados. Para o relator da ONU para o Direito à Alimentação, Olivier de Schutter, o impacto sobre o preço da comida seria alto. Cerca de 70% da alta nos preços dos alimentos nos últimos meses ocorreram por causa do etanol, principalmente nos Estados Unidos e Europa, afirmou.

A nova proposta de lei será submetida ao Parlamento. Se aprovada, segue para ser renegociada entre os 27 países da UE. A França, que preside o bloco, quer uma lei até o fim do ano. ONGs ambientalistas comemoravam. Adrian Bebb, da entidade Friends of the Earth Europe, afirmou que o voto “reconhece o sério problema associado ao uso do etanol”. Usar produtos agrícolas para alimentar carros uma falsa solução, disse.

O comitê ainda decidiu que, até 2015, 5% por cento dos combustíveis do transporte rodoviário virão de fontes renováveis, sendo um quinto de fontes não agrícolas. Os biocombustíveis precisam emitir 45% a menos de gás carbônico em relação à gasolina para serem aceitos, até 2015, 60% menos, decidiram os países da UE.

Parlamento da UE quer reduzir meta de biocombustíveis - Marcelo Ninio – Folha de São Paulo – Dinheiro – 12/09/2008

A disputa interna que vem sendo travada em torno da nova política energética da União Européia teve um desdobramento negativo ontem para a ambição do Brasil de transformar o álcool em produto global. Comissão do Parlamento Europeu propôs rever a meta de expansão do uso de biocombustíveis estabelecida no ano passado, ameaçando reduzir os ganhos que o álcool brasileiro teria no enorme mercado automotivo da Europa.

A proposta aprovada pelo Comitê de Indústria do Parlamento aceita a meta original, de ter 10% do transporte do bloco movido a energias renováveis até 2020. Mas quer cortar para apenas 6% a cota dos biocombustíveis tradicionais, como o álcool. Os 4% restantes seriam de eletricidade, hidrogênio e biocombustíveis de segunda geração, como os feitos de celulose e resíduos.

A revisão da meta é resultado da pressão que têm sido feita sobre os parlamentares europeus por grupos ambientalistas e humanitários, que consideram os biocombustíveis uma ameaça à segurança alimentar, além de não garantir a redução da emissão de gases poluentes. De outro lado, os produtores de biocombustíveis europeus fazem seu lobby para que a meta seja mantida.

O comitê pede ainda uma meta intermediária, na qual, até 2015, 5% do transporte europeu passe para o biocombustível, sendo que um quinto desse percentual seria de eletricidade ou hidrogênio.

Encerrado o debate no Parlamento, a lei europeia de energias renováveis precisa agora ser discutida pelo Conselho Europeu -a instância dos chefes de Estado do bloco- antes de ser voltar para uma votação final. O processo prevê um longo processo de negociação e inclusão de emendas, mas a Comissão Europeia (órgão executivo da UE) tem pressa. Fontes diplomáticas em Bruxelas disseram à **Folha** que o mais provável é que haja um acordo para que o pacote retorne ao Parlamento em dezembro, para ser aprovado em uma única sessão. Diante dessa perspectiva, espera-se que a proposta aprovada ontem no Parlamento seja modificada, aumentando a expansão dos biocombustíveis de primeira geração, como o álcool.

O Brasil acompanha esse processo com grande interesse, pois a ampliação do mercado europeu para os biocombustíveis é considerada um passo decisivo para transformar o álcool em commodity mundial.

Isso sem contar o aumento potencial na exportação do produto. Segundo dados do Ministério da Agricultura, a UE é hoje o destino de 20% das exportações de álcool do Brasil, algo como 2,1 bilhões de litros em três anos. Por esse e outros motivos, uma fonte do Itamaraty lamentou a decisão de ontem como "ato de sabotagem contra os biocombustíveis".

Enquanto isso, os ambientalistas comemoravam. "A votação no Parlamento Europeu reconhece os enormes problemas associados ao uso em grande escala dos biocombustíveis", disse Adrian Bebb, da Amigos da Terra.

Chuck Grassley é de uma família de agricultores. Em 1964, comprou sua própria terra em Iowa, nos Estados Unidos, que hoje administra em parceria com o filho Robin. A vida no campo, iniciada mais de meio século atrás, quando seu pai, Louis Grassley, comprou a primeira fazenda da família ao retornar para casa após a Segunda Guerra Mundial, ainda é vigorosa. Na propriedade de 324 hectares (cerca de 800 acres), são cultivadas volumosas safras de milho e soja. Mas foi como senador que Grassley realmente se destacou na agricultura.

Poderoso e incansável, o político se posicionou como grande defensor do desenvolvimento de fontes renováveis de energia desde o início de sua estadia no Congresso, em 1980. Na década de 1990, ele trabalhou arduamente para expandir a produção e a utilização do etanol no mercado americano. Em 1997, conseguiu multiplicar o programa: como presidente da Comissão de Finanças do Congresso, Grassley criou o crédito fiscal para o etanol, que anos depois foi estendido para a produção de energia eólica, biodiesel e biomassa. Por ações como essas, o senador é visto com um dos mais entusiasmados proponentes dos combustíveis renováveis nos Estados Unidos. Obcecado pelo tema, ele defende ainda que 25% da energia americana seja oriunda de fontes renováveis até 2025.

Com tal currículo, não é de admirar que Grassley seja uma força virtuosa contra os esforços para minar a expansão da produção de etanol nos Estados Unidos. Seu discurso é claro: "Trabalhamos a indústria de etanol por 25 anos. Nos último triênio, em função do preço do petróleo, ela se expandiu rapidamente, mas o fato é que trinta anos atrás as pessoas pediam um combustível renovável. Hoje, essa indústria existe, cerca de 5% do consumo americano de combustível é de etanol e agora somos considerados vilões", avalia Grassley.

Senador Chuck Grassley vende para destilarias de Iowa a maior parte de sua produção de milho

Diferente do que aconteceu no Brasil, onde a cana-de-açúcar não concorre com os alimentos e os carros flex (que podem ser movidos à gasolina ou álcool) já representam 20% da frota brasileira de veículos leves, nos Estados Unidos a produção do combustível é polêmica. De um lado, estão os altos preços do petróleo e a necessidade americana de reduzir sua dependência do Oriente Médio, reforçada pela pressão mundial para que os países desenvolvidos se comprometam com a redução de emissão de gases poluentes e invistam em energia renovável. De outro lado, está a discussão sobre os preços dos alimentos, em alta depois que parte da safra de milho dos Estados Unidos foi deslocada para a indústria de combustíveis.

"Muita gente quer fazer crer que a principal razão do aumento dos preços dos alimentos seja o etanol, mas a Iowa State University tem um estudo que indica que a gasolina estaria 30 centavos de dólar mais cara por galão se não tivéssemos o etanol. Portanto, se não fizéssemos etanol, os preços dos alimentos estariam altos, bem como os da gasolina", defende Grassley.

Em geral, as críticas à produção americana de etanol são sustentadas por fatores que vão muito além da discussão sobre a alta dos preços dos alimentos no mundo. Se comparados aos indicadores brasileiros, os números da indústria americana estão longe de serem atraentes. O álcool produzido a partir da cana-de-açúcar rende 7 mil litros por hectare. Já o de milho rende 3,5 mil litros. Além disso, sob o ponto de vista ambiental, a cana também é mais vantajosa, uma vez que cada unidade de energia fóssil usada na produção do combustível gera 9,3 unidades de etanol. No caso do milho, a relação é de 1 para 1,5 unidade. Há ainda a questão dos subsídios aos produtores de milho e ao comércio de etanol no mercado americano, amplamente questionados pela comunidade internacional. "No Brasil o único destino da cana-de-açúcar é a usina, enquanto nos Estados Unidos o milho, que já era disputado pelas indústrias de rações, bebidas e alimentos, tem na usina mais um concorrente", diz Joel Velasco, representante da Unica - União da Indústria de Cana-de-açúcar, em Washington. Ainda assim, Roberto Rodrigues, diretor do Centro de Estudos do Agronegócio na Fundação Getúlio Vargas, apóia a indústria americana de etanol. "Eles estão certos. Trata-se de uma questão de segurança energética. Hoje, não há sociedade que avance sem energia", afirma Rodrigues, também filho de um agricultor, que trocou em 1957 a plantação de algodão pela de cana-de-açúcar. Formado em agronomia e reconhecido como uma das mais importantes lideranças rurais do Brasil, Roberto Rodrigues também dedicou anos de sua vida ao desenvolvimento de uma política energética eficiente para o seu país. Como Ministro da Agricultura do Brasil - cargo exercido entre 2003 e 2006 -, uma de suas ações mais divulgadas foi a criação do Plano Brasileiro de Agroenergia, cuja meta é garantir a sustentabilidade e a competitividade do setor no mercado interno.

MILHO CANA

>>>**Nos Estados Unidos**, a produção de etanol a partir do milho está ajudando a inibir a alta das cotações da gasolina. Estudos indicam que a gasolina estaria 30 centavos mais cara se não houvesse o etanol.

>>>**Neste ano**, cerca de 30% da safra americana de milho será usada para a produção de etanol, ou seja, 3,5 bilhões de bushels, que renderão ao país algo em torno de 9 bilhões de galões do combustível.

>>>**A tecnologia celulósica**, que permite o uso de resíduos (madeira, bagaço, capim) na produção de etanol, triplicará a produção americana, que deve chegar a 36 bilhões de galões em 2022.

>>>**Segundo a OCDE** - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, a cana produz o combustível mais limpo do mundo e reduz as emissões de gases que provocam o efeito estufa em até 90%.

>>>**A cana não compete com alimentos**. Ela promove a produção de grãos como amendoim, soja e milho, uma vez que na rotação de culturas, 20% da área é usada para cultivo de grãos e preservação do solo.

>>>**No Brasil, as vendas de etanol já superam as de gasolina**. Estimativas indicam ainda que, em 2012, 50% da frota nacional de veículos leves será de unidades com tecnologia flex.

Rodrigues acredita, entretanto, que a tarifação sobre a importação de álcool, imposta pelo governo americano, deva ser extinta. "É possível cultivar alimento em qualquer lugar do mundo, mas a produção de biocombustível só é realmente competente na faixa entre os Trópicos de Câncer e de Capricórnio - que abrange a América Latina, parte da África e da Ásia -, uma vez que é necessária a ação do sol e do calor sobre a planta. Nós somos mais competitivos e podemos fornecer álcool para o mercado americano complementando a demanda interna", avalia Rodrigues, que mantém em sua fazenda, no estado de São Paulo, administrada em parceria com o filho Paulo, 1.100 hectares (2.718 acres) cultivados com cana-de-açúcar. A visão de Grassley é outra: "Eu defendo a tarifa de importação porque sem ela estaríamos incentivando e subsidiando os produtores brasileiros", contrapõe. Divergências à parte, juntos, Brasil e Estados Unidos lideram um mercado em ascensão e se posicionam como os dois maiores produtores mundiais de etanol, devendo superar a marca dos 60 bilhões de litros este ano. Nos EUA, a produção está estimada em cerca de 34 bilhões de litros (9 bilhões de galões), enquanto o Brasil pretende romper os 27 bilhões de litros (7 bilhões de galões).

O Brasil conta com uma indústria já consolidada, que serve de exemplo para o mundo inteiro. Recentemente, um relatório divulgado pela OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico - revelou que o etanol de cana-de-açúcar produzido no país é o mais limpo do mundo e permite reduzir as emissões de gases que provocam o efeito estufa em até 90%. São 6,7 milhões de hectares (16,5 milhões de acres) cultivados com cana-de-açúcar. A safra deste ano promete ultrapassar as 500 milhões de toneladas de cana, das quais 60% serão destinadas à produção de etanol. Estimativas indicam que em 2012 cerca de 50% da frota nacional de veículos leves, projetada em 26 milhões de unidades, deverá ser de veículos flex. O potencial de crescimento dessa indústria pode ser mensurado pelo comportamento atual do mercado. Nos últimos meses, as vendas de etanol superaram as de gasolina nos 28 mil postos existentes no país.

Já os Estados Unidos produzem quatro tipos de mistura: E7 (gasolina com 7% de etanol), E10 (gasolina com 10% de etanol), E20 (gasolina com 20% de etanol) e o E-85 (etanol com 15% de gasolina) - este último usado nos veículos flex que circulam pelo país. "Não podemos chegar ao E100 (somente etanol) como no Brasil porque nas áreas mais frias, onde neva - como no norte dos Estados Unidos -, haveria problemas para acionar o veículo de manhã", explica Emerson Coraiola Kloss, chefe do setor de agricultura da Embaixada do Brasil nos Estados Unidos.

A maioria dos carros flex dos Estados Unidos usam gasolina porque não há E85 disponível. "Hoje a distribuição está restrita ao Meio-Oeste, onde se concentram a produção de milho e as refinarias de etanol. Dos 170 mil postos de combustível existentes no país, apenas mil vendem etanol E85", diz Kloss.

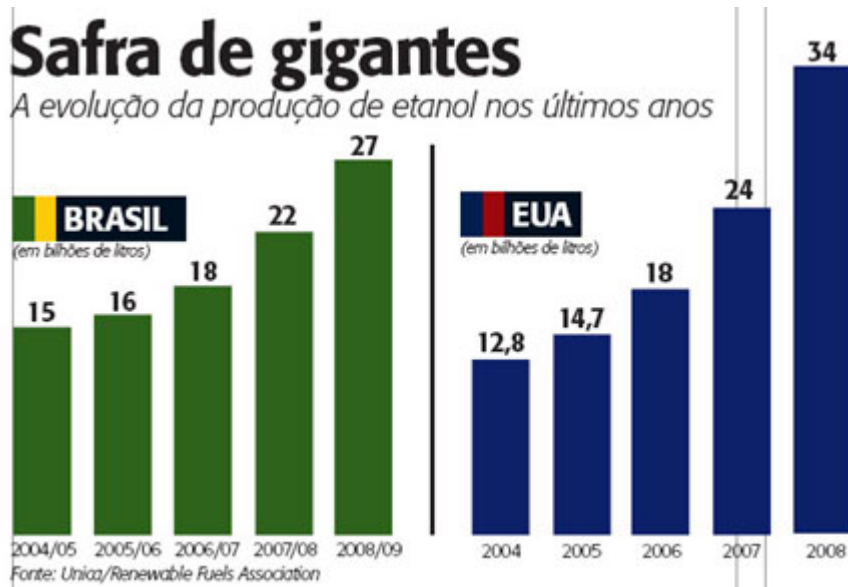
A primeira produção comercial de etanol combustível nos Estados Unidos ocorreu na década de 1970. "Foi uma resposta à forte alta dos preços do petróleo por conta do embargo árabe. O presidente Jimmy Carter foi até os produtores de milho e disse 'há algo em que precisamos de sua ajuda'. Eles atenderam à solicitação e a indústria cresceu muito rápido, principalmente nos últimos anos, com pequenas plantas localizadas no Meio-Oeste americano. Hoje, existem 160 refinarias de etanol em funcionamento e outras 50 em construção", diz Matt Hartwing, diretor de comunicação da Renewable Fuels Association.

No começo desta década, vários agricultores investiram em plantas de etanol para combater os baixos preços do milho. As destilarias processam o milho, fazem o etanol e devolvem cerca de 30% do grão ao mercado sob a forma de ração animal, já que a proteína é reservada. "Com isso, eles puderam ganhar mais dinheiro", diz Jon Doggett, vice-presidente de Políticas Públicas da Associação Nacional dos Produtores de Milho, que congrega 33 mil produtores.

Doggett argumenta ainda que o milho usado na produção de alimentos não é o mesmo que segue para a fabricação de etanol. "Mais da metade do milho cultivado no país se destina à alimentação", diz . Segundo cálculos de Doggett, este ano provavelmente serão usados algo em torno de 3,5 bilhões de bushels de milho para produzir etanol. Talvez 30% da safra. "Vamos produzir com esse volume cerca de 9 bilhões de galões de etanol e 1 bilhão de bushels será colocado de volta no mercado", calcula. Nos Estados Unidos, o milho é a principal fonte do etanol, mas já existem experiências com a batata e também com a cana-de-açúcar.

"Hoje há plantio de cana no Havaí, Califórnia, Texas, Louisiana e na Flórida. Em Louisiana, uma planta já usa a cana para fazer etanol", conta Doggett. "Vamos continuar construindo nossa indústria usando outros materiais, como a celulose. Com ela é possível elevar a produção local de 9 bilhões de galões para 36 bilhões de galões (136 bilhões de litros) em 2022", diz Doggett.

É a aposta no aumento do consumo de etanol e na queda das vendas da gasolina que sustenta tanto as iniciativas do setor privado quanto as ações do governo americano. No país, o milho é o produto que mais recebe subsídios por parte do governo federal. "É claro que os agricultores preferem receber dinheiro do mercado, mas muitas coisas não podem ser controladas, como, por exemplo, os desastres naturais ou mesmo as decisões políticas. No passado, o presidente Jimmy Carter afirmou que não venderia grãos para a Rússia e, em 1972, o presidente Richard Nixon propôs o controle de preços da carne. São muitos aspectos externos que mexem com a vida dos agricultores e nós precisamos nos sentir seguros. Eu defendo os subsídios por duas razões: pela defesa nacional, pois temos de proteger nossa agricultura, e pela coalisão social, pois não podemos ficar brigando uns com os outros dentro do próprio país. Acredito que proteger a família dos fazendeiros significa proteger a melhor instituição que produz comida", conclui Grassley.



Muito além dos ventos - Produção eólica é realidade em várias localidades do mundo - Texto Luciana Franco

O Earth Policy Institute defende o uso de novas tecnologias que prometem causar menos danos ao meio-ambiente: os carros híbridos e a energia eólica. De acordo com Lester Brown, presidente do instituto, os carros híbridos são uma excelente opção ao aumento dos preços do petróleo. "Com a melhoria da capacidade da bateria desses veículos, o usuário poderá plugá-los na tomada de noite e realizar uma série de viagens curtas ao longo do dia", avalia. Brown acredita que existam cerca de meio milhão de veículos desse tipo rodando nos EUA. Atualmente, há cinco companhias desenvolvendo modelos de carros híbridos. A Toyota e a General Motors são as líderes e pretendem colocar novos veículos nas ruas até 2010. A ideia é que esses carros possam usar energia elétrica produzida em fazendas eólicas. O estado americano do Texas, que ganhou notoriedade como grande produtor de petróleo, já é o líder americano na produção de energia eólica. "Eles ultrapassaram a Califórnia dois anos atrás e planejam produzir 23 mil megawatts de energia a partir dos ventos", diz Brown. A expectativa é de que nos próximos anos o Texas gere volume suficiente para abastecer 60% da necessidade residencial do estado. Entre as vantagens das fazendas de vento, Brown destaca que elas operam com uma matéria-prima que não pode ser embargada, dificilmente será extinta e que no longo prazo não tem previsão de ser comercializada a preços elevados.

A Argélia é apontada como outra iniciativa bem-sucedida. Importante produtor e exportador de petróleo, o país está desenvolvendo uma infra-estrutura capaz de gerar 6 mil megawatts de energia no deserto. A ideia é exportar essa eletricidade para a Europa por um cabo subterrâneo. "Eles sabem que o petróleo não vai durar para sempre e têm planos de exportar energia. O deserto da Argélia, que corresponde à maior parte do país, tem capacidade energética para alimentar toda a economia mundial", enfatiza Brown.

Ele entende que as coisas estão mudando rapidamente, parte por conta dos altos preços do petróleo e parte por conta das mudanças climáticas. "Texas e Argélia estão acontecendo agora e eu acredito que haverá uma explosão no uso de energia solar e eólica nos próximos anos, quando poderemos reduzir o uso de energia elétrica em 12%", avalia.

Etanol, fome e colonialismo – Estado de São Paulo – Notas e Informações – 12/09/2008

O governo brasileiro repudiou, corretamente, a proposta de regulação internacional da produção e do comércio de biocombustíveis, apresentada em Genebra pelo relator das Nações Unidas para Alimentação, o advogado e professor belga Olivier de Schutter. “Se o modelo de produção de etanol continuar, violações aos direitos à alimentação vão proliferar”, disse o relator. Autor de numerosos livros e artigos sobre direitos humanos, o professor De Schutter escorrega ao tratar de questões de economia, de agricultura e de comércio, além de esquecer a responsabilidade histórica pela pobreza nos países mais afetados pela fome. Em seus comentários sobre o etanol, o relator da ONU foi mais severo com os Estados Unidos e a Europa do que com o Brasil, mas isso não torna sua proposta menos alheia aos princípios do comércio internacional e do respeito à política interna de cada país.

O professor De Schutter defende o congelamento da produção de etanol, por meio de regras para controle de novos investimentos. É preciso, segundo ele, avaliar cada nova aplicação de capital no setor, levando em conta seus efeitos ambientais, seu impacto na concentração de terras e nas condições de trabalho e sua influência nos preços dos alimentos. A Organização Mundial do Comércio (OMC) deveria, de acordo com suas idéias, disciplinar o acesso ao mercado internacional com base nesses critérios.

Os comentários do professor De Schutter seriam até engraçados, por sua aparente ingenuidade, se não fossem também perigosos. Brasil e Estados Unidos são grandes exportadores de alimentos e por isso as decisões de plantio de seus agricultores afetam o mercado internacional. Mas nenhum desses países - e isso vale também para Argentina e Austrália - tem a obrigação de alimentar o mundo. Nenhum deles viola nenhum direito ao mudar, de um ano para outro, a composição de suas safras. Só se tornam merecedores de reprimendas quando quebram regras do comércio internacional ou qualquer outro acordo em vigor. Pode-se discutir se Estados Unidos e países da Europa violam suas obrigações internacionais quando concedem aos produtores de etanol subsídios proibidos pelas normas da OMC ou quando os protegem com barreiras ilegais. De resto, não se pode obrigar nenhum país a plantar ou a deixar de plantar qualquer tipo de produto. O professor De Schutter daria uma contribuição efetiva ao combate contra a fome se defendesse o fim dos subsídios e das barreiras comerciais e uma conclusão razoável para a Rodada Doha de negociações comerciais.

Já havia fome em vários países da África e noutras áreas pobres muito antes de se expandir a produção de etanol nas grandes economias agrícolas. A produção de alimentos foi prejudicada nesses países pobres por vários fatores. Um dos mais

importantes foram as políticas agrícolas das grandes potências, causadoras de enormes distorções no sistema internacional de preços. Além disso, as políticas de apoio ao desenvolvimento da agricultura nas áreas mais pobres foram um fracasso. Isso foi reconhecido num relatório do Banco Mundial. Seus economistas, no entanto, parecem haver esquecido esse fato, quando resolveram responsabilizar os produtores de etanol pela fome no mundo.

Além do mais, nunca houve de fato escassez de comida, no mercado internacional, nos últimos anos. Houve redução de estoques, mas não falta de alimentos. Os produtos encareceram pressionados por vários fatores, incluídos o crescimento econômico de vários emergentes e a especulação realizada por grandes fundos financeiros do mundo rico. Com a alta de preços, a comida tornou-se inacessível aos muito pobres. Mas sua pobreza era um fato anterior à valorização das matérias-primas.

Muitas dessas populações têm vivido imersas em guerras civis, que as impedem de produzir. Em muitos casos, a instabilidade política e social, especialmente na África, é parte da herança deixada pelas potências coloniais européias. Se o professor Olivier de Schutter, um belga, desse maior atenção a esses detalhes históricos, seria menos propenso, provavelmente, a responsabilizar os produtores de biocombustíveis pela pobreza nas ex-colônias.

É preciso, sim, elevar a disciplina no comércio internacional, mas pela redução de subsídios e barreiras, não pela ingerência nas legítimas decisões econômicas de cada país.

AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL

Etanol

Usinas aceitam parar corte de cana se calor atingir 37C – Roberto Madureira – Folha de São Paulo – Dinheiro – 16/09/2008

O Ministério Público do Trabalho em Bauru (a 330 km de São Paulo) firmou um TAC (Termo de Ajustamento de Conduta) inédito com as usinas Renascença e Novo Horizonte para que elas interrompam os trabalhos do corte da cana-de-açúcar quando a temperatura na lavoura marcar 37C ou mais. A responsabilidade da medição será das usinas. O acordo começou a valer ontem, quando a temperatura máxima na região de Bauru foi de 27,6C, segundo a Cetesb.

A medida foi tomada depois que os procuradores do Trabalho Luís Henrique Rafael e Marcus Vinícius Gonçalves constataram, em uma blitz, nove casos de abandono do posto de trabalho por exaustão. O diagnóstico foi confirmado, segundo eles, pelo médico do posto de saúde da região.

"A própria lei [Norma Regulamentadora 31] diz que o trabalho pode ser interrompido em caso de condições climáticas adversas. Isso só não era posto em prática", disse Rafael. As usinas serão responsáveis pela compra e manuseio do

aparelho de medição. A cada aferição, duas testemunhas escolhidas entre os trabalhadores assinam formulário. O TAC, assinado na quinta-feira passada, tem ainda outras determinações. Por exemplo: os usineiros terão que cumprir à risca os períodos de pausa -almoço de uma hora e descansos de 15 minutos. A usina também terá que estabelecer um sistema de comunicação via rádio com ambulância que não poderá estar a mais de 5 km da lavoura. Todos os itens foram aceitos pelos empresários, que assinaram o documento.

O termo é vitalício e válido para os quatro meses do ano considerados mais quentes durante o período da safra. Em caso de descumprimento, o usineiro terá de pagar multa diária de R\$ 500 até se adequar às determinações.

"É uma idéia muito boa, talvez uma das melhores para casos a curto prazo. No entanto, a longo prazo, aguardamos o fim de uma pesquisa que vai nos dar outros caminhos, como o fim do salário por produção, por exemplo, ou a mudança no sistema de medição da tonelada", disse a procuradora-chefe do interior, Eleonora Coca.

Produtividade - Sindicatos de trabalhadores rurais apóiam a idéia. "Estive com trabalhadores na semana passada e ouvi o problema [exaustão por calor] da boca deles. Posso dizer que prejuízo eles não terão, pois a produtividade já cai 70% a partir das 13h30", afirmou o presidente do sindicato de Guariba, Wilson Rodrigues da Silva.

A reportagem não conseguiu ouvir as duas usinas. A Unica (União da Indústria da Cana-de-Açúcar) não se manifestou oficialmente sobre a decisão. De acordo com o diretor da Unica na região de Ribeirão Preto, Sérgio Prado, a prioridade da entidade é a mecanização do trabalho nas lavouras. "Temos o compromisso de acabar com o trabalho manual até 2017. Então, não temos motivo para discutir essas medidas que só funcionarão a curto prazo."

Crise afeta novos projetos de etanol – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – Gustavo Porto - 17/09/2008

O presidente da Datagro Consultoria, Plínio Nastari, reafirmou ontem que a crise de liquidez do mercado mundial afeta os novos investimentos em usinas e destilarias brasileiras, mas destacou que as condições que apontam para altas nos preços do açúcar e do álcool são positivas e podem reverter esse quadro.

“Há uma perspectiva positiva dos fundamentos do mercado para o período entre os próximos 12 e 18 meses e a indústria deve se aproveitar disso”, disse Nastari, que participou de um painel sobre etanol no evento Rio Oil & Gás, no Rio.

O presidente da Datagro citou que dos 35 novos projetos de usinas e destilarias previstos para entrar em operação na safra 2008/2009 no Brasil, 31 foram viabilizados e 20 já iniciaram a produção.

“Dos 11 restantes, talvez quatro ou cinco devem iniciar a moagem ainda nesta safra”, disse. “Sem dúvida, a crise afeta essa indústria, que tem capital intensivo, cujos investimentos foram acima da capacidade de geração de caixa, e está por trás da postergação de novos investimentos.”

Nastari lembrou que a crise de liquidez atinge também as unidades já instaladas, que encontram dificuldades para alongar o endividamento corrente, basicamente concentrado no curto prazo.

IMPACTO - O vice-presidente executivo da Companhia Brasileira de Energia Renovável (Brenco), Rogério Manso, disse, no mesmo seminário, que a crise só pode atingir os investimentos previstos da empresa se permanecer no longo prazo. “Os investimentos iniciais já foram feitos para a primeira fase da companhia, mas no cenário de longo prazo certamente (a crise) pode ter algum impacto”, disse.

A Brenco, comandada pelo ex-presidente da Petrobrás Henri Philippe Reichstul, vai investir até 2012 R\$ 5,5 bilhões na construção de dez unidades industriais em três pólos de produção para 3,86 bilhões de litros de álcool por safra e geração de energia de 600 MW. A companhia prevê US\$ 1 bilhão de investimentos na construção de um alcoolduto de 1.120 quilômetros de Alto Taquari (MT) até Santos.

Etanol vai criar 12 milhões de empregos até 2030 – Jamil Chade – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 25/09/2008

O etanol deve criar 12 milhões de empregos no mundo até 2030, segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), que chama a atenção para o fato de que, no Brasil, milhares de pessoas que atuam no setor ainda sofrem com salários e condições de trabalho degradantes. A entidade prevê uma consolidação do etanol no Brasil nos próximos anos e o surgimento de sete grandes grupos no setor no País.

Os dados fazem parte de um relatório sobre o impacto das novas tecnologias ambientais para o emprego divulgado ontem pela OIT. Energias renováveis, entre elas o etanol, vão gerar 20 milhões de empregos até 2030 no mundo.

A entidade acredita que os governos terão de buscar investimentos para incentivar a retomada da economia afetada pela crise financeira e, aposta, o setor ambiental será um dos mais relevantes. As estimativas indicam que US\$ 630 bilhões em projetos serão investidos em energia renovável até 2030. Isso geraria 2,1 milhões de postos de trabalho em energia eólica e 6,3 milhões na energia solar.

O Brasil é o país com o maior número de trabalhadores no setor do etanol. Segundo a OIT, são 500 mil pessoas que dependem diretamente do produto. Nos Estados Unidos, são 312 mil e na China, 266 mil. Na Alemanha, o biodiesel gera 95 mil empregos e 10 mil na Espanha.

Em 20 anos, o número de pessoas empregadas no setor será multiplicada por dez e o Brasil continuará sendo um dos líderes. A OIT quer garantir que os novos empregos

respeitem direitos trabalhistas. Uma das preocupações é o uso de trabalho semi-escravo nos canaviais. O próprio ministro do Trabalho, Carlos Lupi, em Genebra, admitiu que o trabalho degradante existe no setor do etanol.

Na Europa, autoridades avaliam a criação de um selo social para o etanol, garantindo que não haverá importação de combustível produzido com trabalho degradante.

Segundo a OIT, as condições de trabalho nos canaviais não são adequadas, com falta de higiene e até violência usada pelas empresas contra trabalhadores, que ganham 30% menos que os que trabalham em usinas de etanol. Com a mecanização, um problema tem sido o desemprego dessa parcela da população. Em 1992, os cortadores de cana eram 620 mil. Em 2008, não devem superar 300 mil.

CONSOLIDAÇÃO - A OIT estima que haverá uma consolidação do setor do etanol nos próximos anos no Brasil. Hoje, são 250 empresas e, segundo a entidade, as aquisições podem fazer com que apenas sete grandes sobrevivam e se tornem potências.

Os 20 milhões de novos empregos serão superiores ao que o setor petrolífero gerará em 20 anos. A Venezuela poderá empregar 1 milhão de pessoas se aprovar lei que prevê a mistura de 10% de biocombustível na gasolina. Na Nigéria, a OIT estima que 200 mil postos de trabalho possam ser criados para o etanol. Na Índia, seriam 900 mil até 2025 em biomassa.

Os empregos não ficarão restritos à energia. No Brasil, gestão de lixo e reciclagem empregam 500 mil. Na China, 10 milhões. Na Europa e Estados Unidos, 3,5 milhões de empregos devem ser criados em tecnologias ambientais de construção.

Usinas fizeram acordo com importadora – Folha de São Paulo – Dinheiro – 30/09/2008

A necessidade de comprovação de critérios socioambientais para o etanol levou algumas usinas brasileiras a realizarem, em julho, um acordo inédito com a principal importadora individual do produto na Europa, a sueca Sekab, para avaliação desses critérios. As auditorias nas usinas (realizadas por auditor externo independente) verificam quesitos como a redução na emissão de CO₂, a mecanização da colheita, a conservação das áreas nativas próximas às plantações, o trabalho infantil, os pisos salariais do setor e a adesão ao programa que determina 2014 como o ano-limite para o fim das queimadas nos canaviais antes da colheita.

Além de ajudar na organização e na implementação desses critérios em cada usina, o acordo também busca reduzir as preocupações dos suecos em relação aos problemas sociais e ambientais historicamente relacionados ao álcool, como as condições de trabalho e o desmatamento de áreas de preservação ambiental. Esse tipo de avaliação é uma exigência cada vez mais comum entre os importadores do álcool.

Moagem de cana ensaia bater recorde no Nordeste – Folha de São Paulo – Dinheiro
– 30/09/2008

As usinas da região Nordeste iniciaram a moagem da safra 2008/09 de cana-de-açúcar, que deve ser uma das maiores da região, disseram ontem fontes da indústria e um analista.

As chuvas nos últimos meses devem impulsionar a produtividade média da cana, ao mesmo tempo em que as usinas elevaram o uso de irrigação e o plantio de novas variedades mais produtivas. "Acreditamos que esta safra vai totalizar entre 65 milhões e 70 milhões de toneladas, um recorde para a região", disse Júlio Maria Borges, diretor da consultoria Job Economia. Ele calculou a safra anterior em 62 milhões de toneladas.

Com a perspectiva de uma grande safra, usinas de Alagoas -o maior Estado produtor da região- iniciou a colheita mais cedo do que o normal neste ano, no dia 2. Até o dia 15, o Estado tinha moído 315 mil toneladas de cana, contra 182 mil no mesmo período de 2007. "Esperamos colher 30 milhões [de toneladas], então não dá para esperar muito para começar a colher, pois pode não haver tempo suficiente para moer tudo", disse Jorge Sandes, assistente técnico do Sindaçúcar de Alagoas.

A colheita de cana no Nordeste normalmente acaba em fevereiro, quando a temporada de chuvas começa, impedindo que máquinas e outros equipamentos entrem nos campos. Cerca de 80% das 29 usinas de Alagoas iniciaram a moagem, disse Sandes. Alagoas tem 200 mil hectares sob irrigação, de uma área total plantada de 430 mil hectares. O álcool terá provavelmente a prioridade sobre o açúcar na região, a exemplo do centro-sul, devido à crescente demanda pelos carros flex.

Petrobras produzirá etanol para os EUA - Ramona Ordoñez – O Globo – Economia
– 18/09/2008

A Petrobras Biocombustíveis, subsidiária da Petrobras, negocia com uma petrolífera americana um projeto conjunto no Brasil para produzir etanol e exportar para os EUA. Segundo o presidente da subsidiária, Alan Kardec, a idéia é construir uma usina de 4 bilhões de litros por ano. Esse volume praticamente dobraria a meta da Petrobras, que era atingir exportação de 4,7 bilhões de litros de etanol em 2012. Kardec não divulgou o nome da petrolífera, mas o mercado aposta que é a ConocoPhillips.

Grande parte dos 4,7 bilhões de litros está sendo negociada para o Japão. A estatal já negocia com a japonesa Mitsui um projeto de parceria para a exportação. Este ano, as exportações totais de álcool da Petrobras deverão chegar a 500 milhões de litros.

O executivo explicou, durante a Rio Oil & Gas, no Riocentro, que o modelo usado na produção de etanol para exportação será o tripartite: o produtor nacional participa, a Petrobras é minoritária, com cerca de 20%, e uma empresa estrangeira viabiliza o mercado produtor de longo prazo.

Segundo Kardec, o ideal é fazer grandes parcerias com um número reduzido de sócios.

Gás: 10 milhões de metros cúbicos ficam para 2009 Na área de biodiesel, a Petrobras construirá uma usina para produzir 300 milhões de litros por ano no Nordeste, a partir de 2012, usando óleo de dendê e mamona como matériaprima. A capacidade da Petrobras hoje é de 170 milhões de litros anuais, cerca de 13% do mercado. A estatal prevê chegar a 938 milhões até 2012, com fatia de 40%.

Já a diretora de Gás e Energia da Petrobras, Graça Foster, informou que até o fim do ano a oferta de gás natural pelos projetos do Plangás deverá atingir cerca de 28 milhões de metros cúbicos por dia, não os 40 milhões de metros cúbicos na Região Sudeste previstos pela companhia em 2006, ao lançar o plano. Segundo ela, pequenos atrasos nas obras de plataformas e gasodutos farão com que 10 milhões a 12 milhões de metros cúbicos sejam oferecidos apenas no primeiro trimestre de 2009.

A Petrobras está iniciando negociações com a Comgás, distribuidora paulista, para a venda de volumes excedentes de gás natural. Segundo a diretora, a média desses volumes excedentes, quando toda a malha de gasodutos no Sudeste estiver concluída, até o fim do ano, será de cerca de um milhão de metros cúbicos por dia de gás natural: — Ao se constatar que os reservatórios das hidrelétricas estão bem, que tem GNL (gás natural liquefeito) disponível, começa-se a identificar que por três, seis ou nove meses haverá um volume de gás que quero vender no mercado spot (à vista).

Colheita de cana avança no Centro-Sul do país – Valor Econômico – Agronegócios - 26/09/2008

A colheita de cana-de-açúcar segue em ritmo acelerado na região Centro-Sul do país, que responde por 85% da produção nacional. Até a primeira quinzena de setembro, os volumes processados na safra 2008/09 atingiram 316,393 milhões de toneladas, aumento de 8,43% sobre igual período do ciclo passado, segundo a União da Indústria da Cana-de-Açúcar (Unica).

A produção de açúcar, no mesmo período, atingiu 16,939 milhões de tonelada, com recuo de 4,07%. Já a oferta de álcool totalizou 15,094 bilhões de litros, aumento de 15,13%. Do total produzido, 10,080 bilhões são do tipo hidratado e 5,013 bilhões são do tipo anidro (misturado à gasolina). As usinas estão priorizando a industrialização do combustível, uma vez que a demanda no país e no mercado internacional está firme. O mix de produção da cana, até o momento, está em 40,7% para o açúcar e 59,3% para o álcool. Na safra passada, estava em 45,12% para o açúcar e 54,88% para o álcool.

Na primeira quinzena de setembro, a moagem da matéria-prima totalizou 33,991 milhões de toneladas na região, 6,77% maior que na mesma quinzena da safra anterior, a 2007/08. Apesar do avanço da colheita, a Unica ressaltou que o ritmo na primeira quinzena deste mês caiu por conta das recentes chuvas sobre os canaviais.

Até o dia 15 de setembro, das 32 novas unidades previstas para iniciarem o processamento da cana nessa atual safra, 21 usinas já estavam em operação. Pelo menos quatro dessas 32 novas unidades deverão adiar o início da moagem de cana para 2009, na expectativa de condições de preços mais favoráveis para o setor sucroalcooleiro.

Biodiesel

Chevron faz acordo com Brasil Ecodiesel – Gustavo Porto, Kelly Lima e Nicola Pamplona – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 18/09/2008

O presidente do conselho de administração da Brasil Ecodiesel, Jorio Dauster, confirmou ontem a venda de 850 mil litros de biodiesel para a Chevron, no primeiro contrato feito pela companhia fora dos leilões de aquisição do combustível feitos pelo governo federal. O volume, entregue ao longo desta última quinzena de setembro, deve ser misturado ao diesel distribuído pelos postos Texaco no Brasil, cujos ativos já foram negociados - mas ainda não assumidos - com o Grupo Ultra.

“É um volume ainda modesto, mas é um bom sinal. Em 2007 estávamos negociando esses tipos de contrato, mas suspendemos em função dos leilões de aquisição do governo federal”, disse Dauster, na Rio Oil & Gas, no Rio de Janeiro.

Dauster avalia que a alta no preço do dólar e a queda no preço da soja podem tornar viáveis as exportações do combustível. “A empresa sofreu muito porque teve de iniciar a produção de biodiesel com soja adquirida no mercado em um cenário de disparada de até 60% nos preços, pois não tínhamos viabilizado outras matérias-primas, como pinhão-manso ou mamona”, disse. “Agora, com o fim da bolha das commodities agrícolas, o cenário é bem mais promissor”, completou.

O presidente do conselho de administração da Brasil Ecodiesel disse ainda que, mesmo com as altas nos preços da soja, que praticamente tornaram inviáveis o negócio, “por sorte” a companhia não fez hedge da matéria-prima em bolsas, operação que demandaria um volume financeiro grande para cobrir margens diárias nas variações de contratos. “Agora, conseguimos renegociar as dívidas de curto e longo prazo e nos reequilibramos.”

POLÍTICA NACIONAL DE BIOCOMBUSTÍVEIS

Etanol

Trabalhadores vão parar corte da cana em dias quentes – Sítio eletrônico da Contag - 19/09/2008

Um acordo inédito assinado entre o Ministério Público do Trabalho (MPT) e o setor patronal promete mudar a realidade dos trabalhadores e trabalhadoras rurais da região de Bauru, em São Paulo. A partir de agora, os cortadores e cortadoras das usinas Renascença e Novo Horizonte terão que interromper os trabalhos do corte da cana-de-açúcar quando a temperatura na lavoura marcar 37° ou mais. A responsabilidade da medição será das usinas que também comprarão os aparelhos para medir a temperatura.

O Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) que entrou em vigência na segunda-feira, dia 15 de setembro, será válido para o período da safra durante os quatro meses mais quentes do ano.

O vice-presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de São Paulo (Fetaesp), Elias David de Souza, acredita que a medida cumpre com o que está previsto na Norma Regulamentadora 31. No entanto, diz que é preciso ampliar os efeitos da decisão para todas as usinas de São Paulo. "Essa medida é interessante, porque cumpre a NR 31. Agora, era preciso estender para todas as usinas, além da Renascença e Novo Horizonte, já que temos cortadores de cana em todo o Estado de São Paulo".

Para familiarizar o trabalhador rural sobre a norma, a Fetaesp está fazendo um trabalho de divulgação com os sindicatos dos estados. "Boa parte deles não conhece as cláusulas previstas na NR 31, que devem ser cumpridas para que os trabalhadores tenham condições de executar o seu trabalho", explica o vice-presidente da Federação.

Canavieiros avaliam proposta dos empresários do setor sucroalcooleiro – Sítio eletrônico da Contag – 19/09/2008

A Fetag/PB e os STTRs avaliam até o final do mês a contraproposta dos empresários à pauta de reivindicações 2008/2009 dos trabalhadores e trabalhadoras do setor de cana. Os empresários do setor sucroalcooleiro propuseram a substituição do atual sistema de cálculo da produção dos canavieiros. Os assalariados e assalariados deixariam de ser remunerados por braças e passariam a ganhar por tonelada.

Essa proposta foi feita pela classe patronal na última mesa de negociação da Convenção Coletiva dos Trabalhadores e Trabalhadoras (CCT) 2008/2009 da cana-de-açúcar. A próxima rodada de negociações acontece no dia 7 de outubro, a partir das 10h, na sede da Fetag/PB. No próximo mês, também serão discutidas as cláusulas sociais do CCT e o novo piso salarial da categoria.

A Contag também discute o sistema de aferição da produção dos trabalhadores e trabalhadoras da cana-de-açúcar com o governo federal e o setor sucroalcooleiro. No dia 24 de setembro, a forma de pagamento da produção dos canavieiros volta a ser discutida.

O secretário de Assalariados e Assalariadas da Fetag/PB, João Antonio Alves (João Lau), ressalta que a mudança no sistema de remuneração não pode prejudicar os 35 mil trabalhadores e trabalhadoras que atuam nesta safra. "Avaliaremos o impacto dessa proposta no salário dos trabalhadores", diz João Lau.

O estabelecimento do piso salarial em R\$ 480,00 faz parte da pauta de reivindicações 2008/2009. Além disso, a categoria pede a manutenção dos direitos

assegurados nas convenções anteriores e a doação de cestas básicas para os agricultores e agricultoras que atuam na aplicação de herbicidas.

Governo, sindicatos e empresas discutem melhorias no setor da cana-de-açúcar – Sítio Eletrônico da Contag - 23/09/2008

O secretário-executivo da Secretaria-Geral da Presidência da República, Antônio Roberto Lambertucci, coordenará nesta quarta-feira (24/9), às 14h, no Palácio do Planalto, uma nova reunião da Mesa de Diálogo para Aperfeiçoar as Condições de Trabalho na Cana-de-Açúcar. Estarão presentes representantes dos trabalhadores - por meio da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag) e da Federação dos Empregados Rurais Assalariados do Estado de São Paulo (Feraesp) - e dos empresários, por meio da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica) e do Fórum Nacional Sucroalcooleiro.

No encontro, os participantes vão debater questões relativas aos temas definidos na última reunião, realizada no dia 9 de setembro. São dezoito temas que compõem a pauta de debates da Mesa: contrato de trabalho; saúde e segurança do trabalho; transparência na aferição da produção; alojamento; transporte; migração; escolaridade, qualificação e recolocação; remuneração; jornada de trabalho; alimentação; trabalho infantil e trabalho forçado; organização sindical e negociações coletivas; proteção ao desempregado, com atenção aos trabalhadores no corte manual no período de entressafra; responsabilidade sobre as condições de trabalho na cadeia produtiva; responsabilidade no desenvolvimento da comunidade; Programa de Assistência Social (PAS); trabalho por produção; trabalho decente e trabalho análogo ao escravo.

Por orientação do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a Secretaria-Geral da Presidência da República coordena o diálogo entre trabalhadores e empresários do setor sucroalcooleiro com o objetivo de melhorar as condições de trabalho na lavoura de cana-de-açúcar. A Mesa de Diálogo foi instalada em julho de 2008, após uma série de reuniões preparatórias entre governo, trabalhadores e empresários do setor.

Repórter Brasil lança relatório sobre agrocombustíveis – Sítio Eletrônico da CPT – 23/09/2008

A ONG Repórter Brasil lançou, no dia 22 de setembro, o relatório “O Brasil dos Agrocombustíveis – Palmáceas, Algodão, Milho e Pinhão-Manso – 2008”. A publicação buscou analisar os impactos da utilização dos agrocombustíveis como fonte de energia para o Brasil. Para isso, quatro pesquisadores do Centro de Monitoramento de Agrocombustíveis (CMA), ligado à Repórter Brasil, percorreram os Estados de Mato Grosso, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Pará, Amazonas, Maranhão e Tocantins, somando um total de 25 mil km. O relatório completo pode ser visualizado no endereço:

http://www.reporterbrasil.org.br/documentos/o_brasil_dos_agrocombustiveis_v2.pdf .

As exigências mais rígidas de sustentabilidade por parte do mercado europeu vêm gerando uma autêntica corrida pela certificação de critérios socioambientais na cadeia de produção dos biocombustíveis, especialmente do álcool.

O objetivo é atestar a adoção e a prática de critérios socioambientais na cadeia produtiva desses combustíveis, como a não-utilização de trabalho infantil ou escravo, temas que aparecem com cada vez mais frequência nas discussões de comércio exterior e que muitas vezes funcionam como barreiras não-tarifárias.

"Estamos falando de uma discussão ampla, complicada, polêmica e política", diz Marcio Nappo, assessor de meio ambiente da Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar). "Há uma parte legítima de preocupação com os impactos sociais e ambientais da cadeia do etanol nessa discussão, mas há também um componente político muito forte, por exemplo relacionado aos interesses de protecionismo e à pressão da indústria de alimentos."

Entre as principais iniciativas debatidas, destacam-se as normas para a importação de biocombustíveis na União Européia. Elas determinam, por exemplo, uma meta de adição de combustíveis renováveis aos combustíveis fósseis (álcool na gasolina e biodiesel no diesel) de 10% a partir de 2020 em todos os países do bloco, ainda a ser aprovada.

Tais normas, apontam os especialistas, tendem a ser a principal referência de sustentabilidade para a cadeia do álcool, uma vez que os biocombustíveis importados que não atenderem aos critérios não serão contabilizados para efeito das metas de adição de combustíveis renováveis.

Como o Brasil tem características para se tornar o principal fornecedor mundial de álcool produzido a partir da cana-de-açúcar e um importante fornecedor do biodiesel, a corrida interna em busca de uma certificação que atenda às exigências do mercado internacional também anda aquecida.

Certificação de usinas - Após algumas experiências de certificação entre produtores e importadores, o Inmetro vai fazer os primeiros testes para certificação das usinas de álcool utilizando metodologia própria. Além de critérios de qualidade, serão observadas condições de trabalho e impacto ao ambiente, entre outros.

O objetivo é derrubar argumentos externos de que o álcool brasileiro não atende critérios de sustentabilidade exigidos em países desenvolvidos, por conta do uso do trabalho escravo ou infantil, ou desmatamento para o cultivo da cana. Após avaliar usinas de São Paulo, do Centro-Oeste e do Nordeste, os resultados serão levados ao governo, que tende a utilizá-los na negociação externa sobre o álcool. Sua aprovação só deve ocorrer após a definição das mudanças na política energética européia envolvendo biocombustíveis. Enquanto isso, outros agentes continuam na corrida das certificações. A Rede de Agricultura Sustentável, por exemplo, vem promovendo uma reformulação da norma de certificação de produtos agrícolas para incluir produtos como cana-de-açúcar e oleaginosas

para obter o selo Rainforest Alliance Certified. "São produtos e setores cada vez mais complexos, que demandam processos de avaliação específica e por isso é que estamos discutindo um adendo à norma já existente para outras culturas", diz Luís Fernando Guedes Pinto, secretário-executivo da ONG Imaflora, uma das principais certificadoras do país. Outras ações também buscam definir um padrão de certificação com critérios socioambientais para o álcool.

A principal barreira para o avanço desses processos, segundo os especialistas, é o tempo. "Avaliar e certificar uma indústria de médio porte já é bem demorado, pois é necessário readequar processos internos, alterar determinadas configurações estruturais, supervisionar os procedimentos dos fornecedores. Imagine isso aplicado à indústria do etanol, que tem milhares de fornecedores nas mais diferentes condições", afirma o professor Antonio Roberto Pereira, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq-USP).

Biodiesel

Membros da Câmara do Biodiesel se reúnem hoje – Sítio Eletrônico da Contag - 23/09/2008

Na manhã desta terça-feira (23), a Câmara Técnica do Biodiesel do Piauí se reúne no auditório da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Piauí (Fetag/PI). Os membros da comissão discutem o projeto Sementes Certificadas de Mamona e Feijão (Caupi) que atenderá aos agricultores familiares da Serra da Capivara selecionados pelo Instituto de Assistência Técnica de Extensão Rural (Emater/PI). Também analisam as opções de logística para entrega das sementes aos trabalhadores rurais.

Também estão previstas para a reunião da Câmara Técnica: a apresentação pela Emater/PI de estratégias de assistência técnica; definições sobre o atendimento de agricultores familiares da Chapada das Mangabeiras; exposição da Embrapa Meio Norte sobre pesquisas para o cultivo de oleaginosas na Serra da Capivara; e discussão sobre financiamentos pelo Banco do Brasil para a safra 2008-2009.

Segundo o secretário de Política Agrícola da Fetag/PI, Simão Reinaldo, a Câmara Técnica do Biodiesel fortalecerá a produção de oleaginosas no estado e aumentará o número de parceiros. "Planejaremos o trabalho da safra 2008/2009, como o preparo do solo na época certa e o fornecimento de sementes para os trabalhadores. O objetivo é tê-las aqui no final de outubro", explica o dirigente.

Além da federação e da Emater/PI, participam do grupo representantes do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), da Secretária de Desenvolvimento Rural do Piauí (SDR/PI) e do Banco Nordeste.

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores

Georges Flexor, Jorge Romano, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf, Lauro Mattei e Ademir A. Cazella

Assistentes de Pesquisa
Karina Kato e Silvia Zimmermann

Secretária
Diva de Faria

**op
pa** **Observatório de Políticas
Públicas para a Agricultura**

cpda Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214
Fax: 21 2224 8577 – r. 217
Correio eletrônico: oppa@ufrj.br
Site eletrônico: www.ufrj.br/cpda

Apoio



actionaid



IICA

nead

Ministério do
Desenvolvimento Agrário

